

Associação Brasileira de Mantenedoras  
de Ensino Superior - ABMES

PALESTRA DO PROFESSOR MILTON SANTOS

A TÉCNICA EM NOSSOS DIAS: A INSTRUÇÃO E A EDUCAÇÃO

14.03.98

Querida Cecília,

O parto da montanha!  
Perdõe o tempo. Perdõe também o  
trabalho suplementar de leitura,  
e revisão (correção) lógica e gramatical  
que estou, aqui, lhe implorando. Estes  
meses de Inglês (e de Frases faladas  
em caso) estropiaram, ainda mais,  
meu boche Português.

Shawn de Mariottelene e meus,  
também para o Arthur.

Afeitosamente,

Milton

Brasília, DF, 4 de dezembro de 1997

Volto no fim do mês.

## A TÉCNICA EM NOSSOS DIAS: A INSTRUÇÃO E A EDUCAÇÃO

Senhor Presidente da ABM, meu prezado amigo Professor Edson Franco, Senhor Reitor Antônio Colaço, Senhores Reitores de todas as Universidades aqui representadas, meus colegas geógrafos da Universidade de Brasília, da Fundação Educacional e da rede pública. Não é a primeira vez que eu compareço a este *forum*, desta vez para atender ao honroso convite do Prof. Franco, que é uma voz amiga nesta Casa, e falar sobre "*A técnica em nossos dias: a instrução e a educação*". Ele fez de nós uma apresentação generosa, e vou completá-la apresentando-lhes este tema, como um intelectual independente, pois não pertencço a nenhum grupo, a nenhum partido, não pratico nenhuma forma de militância. Minha única militância são as idéias. Por isto estou contente em poder colaborar com a Associação.

Nosso esforço, atualmente, é mostrar como o território faz falar a nação. Eu creio, nestes tempos de globalização, que o território é o mais relevante indicador de como a nação funciona. As outras disciplinas sociais o fazem também, mas o território, por revelar todas as formas de vida, de realização, tem o privilégio de indicar como anda o país. ✓

Agora, vamos ao tema. Não vou tratá-lo como especialista da Educação, <sup>nem</sup> ~~não vou~~ ~~tratá-lo~~ como especialista de qualquer coisa. Meu tratamento é o de alguém que se debruçou durante anos sobre a questão da técnica, sobre a qual publiquei, no fim do ano passado, um livro, <sup>aliás bem recebido, pois</sup> ~~que já~~ está na segunda edição, em português, e <sup>deve tê-lo, também,</sup> ~~que já~~ foi publicado em francês e <sup>Deste livro, apresentem-se</sup> ~~vai ser publicado~~ em espanhol e em inglês, em ~~que há~~ <sup>em que há</sup> consequências ~~distas~~ que toca à questão da Educação.

A Educação se divide, como todos sabem, em instrução e educação propriamente dita. Todos sabemos <sup>(ma história, cabe à</sup> o papel que ~~o~~ <sup>este é</sup> ~~.....~~ <sup>ouve (houve?)</sup> o homem, <sup>Primeiro,</sup> ~~(houve?)~~ <sup>é fabricado.</sup> ~~ouve~~ a técnica, intermediário que ela é entre a sociedade humana e o entorno do homem. <sup>muito do tipo</sup> ~~que~~ a natureza... Hoje, ~~tudo que é fabricado~~ constitui a superfície da Terra. A técnica ~~que~~, neste fim de século, se transforma, ao mesmo tempo, numa banalidade e num mistério. Mas pode-se dizer que a técnica aparece como uma necessidade, sem a qual não podemos

trabalhar, <sup>meu</sup> sem a qual não podemos circular, <sup>meu, mesmo,</sup> sem a qual não podemos viver. Mas também a técnica não é algo que não possa ser domado pelo homem. Por conseguinte, ela <sup>igualmente</sup> comparece no mundo <sup>hoje</sup> que existe e no mundo do possível.

~~Por isso, o meu trabalho, que é muito preliminar, que minha agenda me permitia..... e o instrumento novo de pesquisa ..... vou trazer o resultado imediato da minha reflexão..... De um lado, a vocação, da instrução e, de outro, a necessidade da educação no mundo de hoje.~~

Como são as técnicas, hoje? Vou dar-lhes um quadro muito sucinto de como vejo as técnicas no mundo de hoje. Em primeiro lugar, ~~nós~~ vivemos uma enorme revolução, a revolução dos materiais. Até este século, o homem era comandado, na construção das coisas, pelos materiais disponíveis. E a própria geopolítica do Planeta era fundada, em parte, na existência desses materiais, <sup>e seu</sup> no controle <sup>o faz a partir</sup> desses materiais. Agora, não. Agora o homem cria, antes, os materiais de que necessita, <sup>e que são uma idéia</sup>. Por exemplo, a viagem à Lua só foi possível a partir do momento em que, nos laboratórios, as idéias estabeleceram que materiais podiam conduzir o homem a salvo, e aí se produziu o ~~material~~ que iria permitir a produção do aparelho que levaria o homem à Lua.

E é tudo assim neste fim de século. Este é um dado extremamente importante : esta conquista da possibilidade de produção do material indispensável a fazer aquilo que ~~os~~ desejamos.

~~Um outro elemento crucial das técnicas deste fim de século é a revolução dos transportes e das comunicações.~~ <sup>devido</sup> ~~Nós sabemos,~~ <sup>neste</sup> ~~que as técnicas ganharam também a~~ <sup>também,</sup> ~~possibilidade de uma associação íntima~~ <sup>enormemente</sup> ~~com a ciência. Esta é,~~ <sup>no mundo de hoje,</sup> ~~uma característica da técnica, quer dizer, não é resultado de azar,~~ <sup>isto é,</sup> ~~da sorte ou da experiência de um gerente ou de um proprietário, mas o resultado de um~~ <sup>ser mais um</sup> ~~trabalho que se dá primeiramente num laboratório,~~ <sup>de um</sup> ~~por conseguinte, na Universidade.~~ <sup>o resultado de</sup> ~~Essa ciência e essa técnica geminadas~~ <sup>ganham</sup> ~~um salto quando se estabelecem as técnicas da informação,~~ <sup>porque estas</sup> ~~Porque as técnicas da informação permitem uma combinação múltipla e inesperada de todo tipo de técnica, que é a grande~~ <sup>inúsculas,</sup> ~~revolução de mundo, que faz com que se chame também, esta época em que vivemos, de era da informação.~~ <sup>levando</sup> ~~tecnológica que permite~~ <sup>que se</sup> ~~instalar a~~ <sup>na época em</sup> ~~que vivemos,~~ <sup>que vivemos,</sup>

Há, todavia, um senão. É que esta técnica, rapidamente, se torna tecnociência. Isto é, a ciência já não é autônoma - daí, a desconfiança com que <sup>é visto</sup> vemos todos o trabalho de cientistas, que deixa também de ser imediatamente aplaudido para ser imediatamente

*a priori, os objetivos do* e o simples  
 criticado, pois nunca se sabe, realmente, ~~o~~ *que um cientista faz...* pelo simples fato de ~~fazê-lo bem~~ *não basta para legitimá-lo A*  
 E a tecnociência atrela a produção científica ao mercado. Este é um grave problema, porque ~~este atrelamento da produção científica ao mercado~~ *essa dependência do* reduz as possibilidades ~~de fazer~~ *de* da ciência. Isto ~~porque~~ *quando* o trabalho científico tem suas faltas, ~~pela técnica, pelo mercado,~~ *é comandado* e, por conseguinte, o cientista deixa de descobrir o que poderia. ~~Quer dizer, nós entramos numa fase na qual, em realidade, se faz o elogio da ciência.~~ Então, a ciência corre um grande risco. E aí, talvez, entra a mais crucial das diferenças entre instrução e educação, no mundo de hoje. Ou seja, o perigo, no qual estamos, ~~de um atrelamento absoluto.~~

As técnicas hoje se dão nos sistemas integrados. Essa integração de todos os sistemas traz consigo um controle coordenado das atividades do homem. Todas as atividades essenciais, hegemônicas, acabam ~~de~~ *por* ser integradas ~~por~~ *em um* comando ~~único~~  
 tendente a ser único, ainda que os atores sejam diversos. Quer dizer, quando se chega a um país como a Argentina, ~~e se sabe que o sistema telefônico está dividido em dois, controlado por dois países diferentes, ao mesmo tempo se sabe que as agências é que~~ e agora no Brasil nós conseguimos também ~~de~~ esse controle, como no Brasil há o controle integrado da distribuição de energia elétrica. Isto é um dado do nosso tempo. Esses sistemas técnicos dominantes ~~são~~ *conduzidos* comandados pela ciência, Extremamente suscetíveis quanto à informação, são invasores. Quer dizer, ~~estes sistemas tendem a ocupar todo o território, todo o planeta e toda a nossa vida.~~ *Eles* Estes sistemas técnicos também são indiferentes quanto ao meio. ~~Ou seja, estão em qualquer lugar e não levam em conta nem a História nem a cultura.~~ *Tais* Eles invadem tudo, desrespeitando ~~aquilo que se chamava, no passado, de tradição - mas também no presente, já que o território existe como a presença, e isto não se pode negar.~~ *ambiente* *instalam-se* *sem* *as tradições* *o presente, corporificados no território e na população*  
 [Esses sistemas técnicos são, ~~irreversíveis.~~ *também,* A irreversibilidade da técnica é um fato que não se pode negar. Cada conquista chega para ficar. O que se ~~discutir~~ *discute* depois é se a forma ~~de uso da técnica é algo eterno, permanente, imutável.~~ *atual* Mas a forma de uso da técnica ~~não é a técnica~~ *é* *ela* (própria (?) utilizada com as mãos - são duas coisas diferentes. As técnicas são irreversíveis e, portanto, tudo o que está em torno de nós permanecerá. O que ~~vai~~ *prele* mudar, creio, ~~com muita força,~~ *e, que vai mudar* é a maneira de ~~como~~ utilizá-las em nosso mundo.

Essas técnicas são ~~autoexpansivas,~~ *exatamente,* autoexpansivas, relativamente autônomas. ~~É, vocês sabem que a autonomia...~~ *é que* exatamente permite sua autoexpansão. Então, aceita uma técnica, aceita-se outra e outra e outra.... E acaba a nossa vida mergulhada

nesse conjunto de técnicas. ~~Eu acabo de deixar entrar em minha casa o e-mail. Ainda não chegou à minha casa o fax. Eu reduzo a invasão da paz doméstica por essas máquinas, mas não posso garantir que um dia eu não aceite essa invasão.~~

Mas as técnicas nunca se deram, não se dão <sup>e</sup> jamais se darão de forma homogênea.

Em toda a parte, ~~mas~~ vamos encontrar técnicas as mais diversas - e esta é a nossa sorte <sup>Aliás,</sup> se elas existem e funcionam é porque todos os tipos de técnicas estão presentes <sup>(conjuntamente)</sup>. Seja em Londres, em São Paulo, em Belém do Pará, em Nova Iorque ou em Los Angeles, encontraremos os meios mais modernos de locomoção e de transportes e, ao mesmo tempo, aquele homem <sup>com</sup> puxando uma carroça, <sup>puxada por</sup> com um burro, ou puxando ele próprio a própria carroça... Quer dizer, há <sup>Essa contemporaneidade, essa existência conjunta das técnicas, acabou,</sup> que, afinal, <sup>por constituir</sup> são a promessa de salvação da Humanidade. <sup>A vida humana não é regida por um único sistema técnico.</sup>

Finalmente, as técnicas são dotadas, hoje, de intencionalidade. Cada coisa que faço é para exercer um fim preciso, cada vez mais preciso. <sup>falar-se, com o filósofo Simondon,</sup> Daí ~~falamos~~, de concretude da técnica. Quanto mais a técnica se distancia da natureza, mais concreta ela é, mais intencional ela é, mais capaz ela é de responder a fins predeterminados.

É Este ~~o~~ mundo em que ~~nós~~ estamos vivendo e que nos faz acreditar que a técnica é tudo, esquecidos de que, na realidade, o tudo é a sociedade humana. A técnica é uma emanção da sociedade no seu progresso intelectual e é pela maneira como a sociedade humana utiliza a técnica que, ela própria, sociedade humana, encontra um destino. ✓

E vemos, bem ao nosso derredor, máquinas "inteligentes" - entre aspas, por favor - que levam ao chamado pensamento calculante, ~~que~~ <sup>mas</sup> testemunha a transcendência dessas técnicas e, mesmo, podemos dizer, a concretização da metafísica. Quer dizer, através da inteligência humana a metafísica acabou concretizada, transformada em coisas, produzindo uma nova situação antropológica. ✓

Eu insisto neste aspecto. E por isto falei nestas qualidades da técnica contemporânea, ~~porque isto~~ <sup>A questão da educação está presente, pois tudo isso</sup> tem a ver com a maneira como as gerações se reproduzem <sup>e com a forma pela qual</sup> diante do que existe, isto é, como vamos formar estas gerações. E é possível que, quando esta prevalência desse pensamento associado... É assim que Max Weber <sup>as coisas</sup> chama esse pensamento calculante, essa maneira matemática de enxergar ~~tudo~~, esse produto perfeito da submissão às máquinas do pensar, que, ao mesmo tempo - e esta é a tônica do que estou dizendo - levantam <sup>de novo</sup> como obrigatoriedade, ~~de novo~~ um mundo tecnicizado. Este mundo tecnicizado produz uma ~~forma de obrigação, ou melhor, uma tipologia de~~

*Paul*

obrigações na vida cotidiana. A idéia é a da eficiência de um mundo novo. Vamos todos ser eficientes. .... Ninguém ri quando se fala na necessidade de eficiência. É que talvez não se tenha relacionado a idéia de eficiência com os outros elementos do sistema. Porque vivemos em sistemas! Então, no sistema.....no qual nos instalamos e que é evidente..... Está no jornal ..... poder público... e até se assusta. Há perversidades que acabam se tornando como um sistema, isto é, uma perversidade convocando outra e explicando a outra. Lendo o "Diário do Congresso" <sup>provas</sup> tem-se a ~~prova~~ desse sistema de perversidades, que é uma novidade na história da Humanidade, na história do Brasil, ~~e que acaba aceitando o~~ sistema das perversidades <sup>acaba sendo legitimada</sup> a partir de uma série de idéias, <sup>também</sup> ~~também~~ <sup>junto com</sup> ~~também~~.

Q

A eficiência, pois, aparece como uma necessidade. ~~A famosa produtividade, que~~ <sup>permite a competitividade.</sup> ~~Que é um equívoco, na medida em que as pessoas não são iguais, as cidades não são iguais, cada lugar guarda... as mais diversas possíveis, e a produtividade se mede por apenas alguns elementos do sistema no qual vive a humanidade inteira. É o disputar, que frequentemente esmaga a idéia do objetivo. Mas, para quê? A idéia de finalidade é, com freqüência, desmanchada, & esmagada a partir da idéia de disputar, da idéia de implacável competitividade.~~ <sup>deixa disputa compulsória e</sup> ~~Porque a competição é aceitável,~~ <sup>faz parte,</sup> até certo ponto, da natureza humana. Mas a competitividade, isto é, o superlativo da competição, constitui uma ausência de objetivo na vida humana. Por que ser competitivo? As empresas são competitivas, <sup>mas o fazem</sup> ~~competem~~ para destruir-se mutuamente, <sup>e em seguida tentam continuar, em um nível mais alto, a tarefa de destruição mútua.</sup> ~~depois para novamente destruir-se mutuamente...~~ Então, por quê? Qual é o objetivo ideológico? Qual é a finalidade? Qual é a busca moral que está por trás da competitividade? <sup>Diz-se que</sup> ~~A~~ competitividade supõe uma subordinação aos mandamentos da técnica. <sup>mas isso é um</sup> ~~Outro~~ equívoco, <sup>já que</sup> ~~porque~~ a técnica não <sup>vale</sup> ~~se dá~~ por si própria, <sup>mas</sup> ~~ela~~ não é mandante, <sup>mas</sup> ~~ela~~ é mandada pela sociedade, <sup>De fato, somos</sup> ~~isto é,~~ nós ~~que~~ constituímos a técnica, utilizando-a.

~~E, finalmente, essa busca de qualidades. Eu insisto nessas qualidades e, portanto, nesses atributos, porque~~ Tudo isso tem uma incidência clara, hoje, no ensino, na formação dos jovens e, mesmo, das crianças, seduzidas pela técnica <sup>(e mais capazes em relação à técnica do que somos os adultos e os que já ultrapassamos o umbral da "adulthood" ...)</sup> Sempre houve uma relação entre as técnicas e a natureza do conhecimento. Quer dizer, as técnicas se casam, em cada momento da História, com uma certa natureza do conhecimento. O conhecimento, no começo da História, <sup>provinha de um</sup> ~~era o resultado de um~~ <sup>aprendizado, ou uma experiência, muito mais do que um aprendizado.</sup> O aprendizado era a

~~experiência transmitida por gerações numerosas. A maneira de cultivar dos europeus durante milênios... Aliás, é preciso acabar com esta mania de citar apenas os europeus. Vamos pensar também nos asiáticos e nos africanos, que durante milênios foram capazes de transmitir voz a voz, ouvido a ouvido, maneiras de fazer a agricultura. E que funcionavam, permitindo alimentar as populações, prover a sucessão das gerações! Houve, de vez em quando, uma trégua, <sup>e, por outro lado,</sup> houve, de vez em quando, uma fonte generalizada. Mas, afinal, o mundo da abundância tampouco chegou com a proeminência das técnicas, que são~~

~~devidas ao aprendizado. Ou seja, nós~~ <sup>P</sup> ~~passamos, por conseguinte, de um aprendizado, que era herdado, à necessidade do ensino formalizado, a partir da evolução das técnicas e do conhecimento produzido.~~  
 Passamos de um ensino ao homem pela natureza - a natureza, tal como ela era, dizendo "faça isto, faça aquilo, deixe de fazer aquilo outro"... - a um ensino que é fundado no artificial e no histórico e, ao mesmo tempo, <sup>evoluímos</sup> ~~(de um ensino que era concreto a um ensino abstrato.~~ A maior parte do que hoje oferecemos aos nossos estudantes é muito mais do domínio da abstração do que do domínio da chamada concretude, exatamente por essas qualidades da técnica com que vivemos hoje.

Tudo isso se dá a partir do que se chamaria, em cada momento histórico, do entorno ideológico <sup>das</sup> ~~de~~ <sup>seu</sup> ~~do seu~~ idéias, <sup>do seu</sup> entorno filosófico, <sup>do seu</sup> entorno político. É assim que, por exemplo, quando a revolução industrial começa - e havia o temor de que <sup>as</sup> técnicas, as máquinas <sup>fossem</sup> ~~fossem~~ um elemento de perturbação na produção da idéia de homem, isto é, da possibilidade de liberdade na convivência social - aí o Homem descobre que as idéias <sup>também</sup> ~~é~~ que comandam o mundo.

É curioso que, ao mesmo tempo em que o capitalismo aumenta seu poder com a amplificação das técnicas e das máquinas, também a sociedade produz idéias filosóficas que vão se tornar idéias políticas, <sup>e, em seguida,</sup> ~~que depois~~ vão se tornar Política, produzindo a Revolução Americana, a Revolução Inglesa e a Revolução Francesa, <sup>de certo modo</sup> ~~que aparecem como~~ contraponto ao desenvolvimento da técnica. E vai ao encontro do ensino, da Filosofia, da História. Isto é, a Filosofia deixa de ser um privilégio de alguns e passa a ter um papel central na produção do homem adulto, instalando-se duravelmente em todos os currículos, <sup>inclusive no ensino médio</sup> ~~desde o ginásio,~~ <sup>e mesmo</sup> ~~na Europa, nos Estados Unidos mesmo,~~ <sup>ainda mesmo quando</sup> ~~não obstante,~~ a Filosofia ainda <sup>comparece</sup> ~~comparece~~ sob a forma do pragmatismo. Mas <sup>sobre o</sup> ~~Esse debate~~ <sup>sobre o</sup> ~~de~~ que o homem é, <sup>sobre o</sup> ~~de~~ que o mundo é, de onde o homem vem, aonde o mundo vai, esse debate é presente no ensino europeu, e <sup>ajudar a constituição</sup> ~~isto que~~ vai permitir <sup>também</sup> ~~a~~ produção da cidadania. A cidadania, <sup>assim</sup> ~~que é~~

constituída favorece uma visão crítica  
~~uma forma de visão salutar~~ da técnica e que impede que a instrução se faça sem a  
companhia da educação.

A globalização chega para anular tudo isto. Ela convoca à idéia de que a História  
acabou, de que o espaço acabou, de que a ideologia acabou, de que o pensar não é mais  
necessário, <sup>em uma condição essencial e</sup> ~~de que o pensar não é~~ um privilégio do homem - daí se falar de objetos  
inteligentes, o que é um contra-senso total. Mas tudo isso acaba por ser aceito no ensino.  
<sup>por exemplo</sup> Vejam-se os parâmetros curriculares do Ministério da Educação para os anos 4o. e 5o. É  
tudo muito bonitinho. Somente esse debate central falta. A técnica é mencionada, mas não  
há um debate <sup>sobre a sua</sup> ~~da~~ finalidade. De tal maneira que se diz que a técnica é necessária, <sup>e por aí</sup> ~~que o~~  
mundo está caminhando para a felicidade e que <sup>desse modo,</sup> os meninos devem aprender a técnica. ~~...~~  
<sup>Na realidade, deste modo, eles não irão</sup> ~~Eles não vão~~ aprender a técnica, <sup>mas, apenas,</sup> eles vão aprender os objetos, porque eles <sup>a questão filosófica</sup> ~~vão discutir~~  
a técnica ~~não~~ será discutida.

A tese em que ~~nós~~ acreditamos firmemente é aquela de um filósofo do Rio de  
Janeiro, Carneiro Leão, segundo a qual o mundo da informatização, <sup>vai,</sup> ~~por~~ isso mesmo, ~~vai~~  
conduzir a um regresso da Filosofia, porque <sup>necesso</sup> ~~o mundo da informatização não se põe diante~~  
<sup>não nos põem o dilema seguinte:</sup> ~~este dilema~~ aceitar que os homens sejam nada, ou buscar um caminho para que eles  
sejam algo.

O grave problema em que estamos hoje é que vivemos em um mundo tecnicizado,  
freqüentemente conduzido a crer que o conhecimento tem que ser produzido <sup>como</sup> ~~com~~ técnica.  
Então, há um desdobramento da finalidade do ensino, que é dado como se a técnica fosse o  
<sup>do mundo</sup> centro (e não a humanidade). Isso é muito grave e se dá no ensino superior, no ensino médio  
e no ensino primário. <sup>E o</sup> ~~P~~renuncia <sup>de</sup> uma catástrofe.

Não se trata de buscar apenas a eficácia dos gestos. A eficácia dos gestos <sup>parte</sup> ~~le~~va ao  
<sup>mas</sup> ~~mais ter,~~ e o que nós devemos buscar, na formação dos jovens, é o *mais ser*. A noção de  
tecnicidade amplia a idéia dessa relação entre <sup>a</sup> ~~ela,~~ *tecnicidade*, e

o fazer, quando ~~se~~ deveria conduzir ao debate entre *tecnicidade* e *pensar*. Ensinar a fazer  
é apenas uma dimensão do ensino. A dimensão central é ensinar a ser Homem. O *fazer*  
<sup>o fazer irrefletido</sup> apenas é uma regressão, ~~é~~ um convite à volta à animalidade. Porque os animais <sup>também</sup> ~~fazem~~  
~~também~~. O que distingue o homem dos animais é a busca de um objetivo, ~~é~~ a produção de  
um projeto. E este é o perigo em que estamos, na tendência atual de produzir instrução e  
não educação. ~~É~~ ~~o~~ mundo da técnica comandado pela ciência, <sup>e</sup> ~~comandado~~ por um  
mercado global devorador, o que ~~nós~~ temos é uma evolução sem parar de produção de

coisas novas. Por conseguinte, uma produção sem parar de ignorâncias. (Ignorâncias que parecem satisfeitas. Quando nos dispomos a acionar um botão, <sup>fazemo-lo com uma rotina, de modo que</sup> não é a ignorância do mundo <sup>não</sup> que nos assusta. Frequentemente ~~se~~ ~~somos~~ ~~nós~~ ~~assustados~~ pela ~~nossa~~ ~~incapacidade~~ ~~de~~ ~~apertar~~ ~~botões~~ e aí é que vem a consciência do envelhecer e da inutilidade dos mais antigos e do desprezo em relação aos mais antigos, que é crescente, em vista do fato de que

o saber <sup>compreensivo e</sup> <sup>acumulado</sup> deixa de ser um prêmio, e o que passa a ser ~~premiado~~ <sup>premiado</sup> é o saber instantâneo, <sup>Não</sup> este saber instantâneo <sup>(mas, apenas, um gesto isolado que se</sup> ~~que~~ ~~não~~ ~~chega~~ ~~a~~ ~~ser~~ ~~Saber~~, ~~porque~~ ~~é~~ ~~apenas~~ ~~a~~ ~~redução~~ ~~dessa~~ ~~ignorância~~ ~~sempre~~ ~~renovada~~ <sup>renova</sup> <sup>sem</sup> <sup>a</sup> <sup>consciência</sup> <sup>de</sup> <sup>todas</sup> <sup>as</sup> <sup>suas</sup> <sup>implicações</sup>.

Isso <sup>Este</sup> que leva a um outro drama, que é a fé cega na velocidade. Todo mundo crê na velocidade. <sup>até</sup> ~~Todavia~~, quem, aqui, é veloz? Nesta sala ~~não~~ ~~há~~ ~~ninguém~~. Velozes são apenas alguns milhares de pessoas. ~~Todavia~~, ~~diz~~ ~~se~~ ~~que~~ ~~velocidade~~ ~~é~~ ~~algo~~ ~~que~~ ~~caracteriza~~ ~~nossa~~ ~~época~~, <sup>Mas, na verdade,</sup> ~~que~~ ~~a~~ ~~velocidade~~ ~~caracteriza~~ ~~a~~ ~~existência~~ ~~e~~ ~~o~~ ~~trabalho~~ ~~e~~ ~~a~~ ~~produção~~ ~~de~~ ~~um~~ ~~número~~ ~~cada~~ ~~vez~~ ~~menor~~ ~~de~~ ~~empresas~~. Cada vez <sup>Nem</sup> ~~menor~~ a velocidade ~~é~~ ~~um~~ ~~imperativo~~ ~~da~~ ~~técnica~~.

Velocidade <sup>mas</sup> não é um dado da técnica. Velocidade é um dado da política. É a política que estabelece as velocidades utilizadas pelos sistemas econômicos e sociais. <sup>Enquanto</sup> ~~isto~~ ~~as~~ ~~grandes~~ ~~empresas~~ ~~e~~ ~~as~~ ~~grandes~~ ~~potências~~ ~~têm~~ ~~pressa~~, ~~o~~ ~~grosso~~ ~~da~~ ~~Humanidade~~ ~~anda~~ ~~devagar~~. Há até quem não se mova - a maior parte das populações urbanas, <sup>dos países pobres.</sup> ~~Todavia~~, a velocidade é glorificada, <sup>como se fosse um traço essencial</sup> ~~característico~~ ~~da~~ ~~raça~~ ~~humana~~ ~~nos~~ ~~dias~~ ~~de~~ ~~hoje~~.

Tudo isso nos leva a refletir sobre os perigos da instrumentalização. Por exemplo, <sup>de um modo mais ou menos geral</sup> ~~qual~~ ~~é~~ ~~a~~ ~~língua~~ ~~que~~ ~~as~~ ~~nossas~~ ~~universidades~~ ~~ensinam~~ ~~hoje~~ ~~uma~~ ~~só~~, <sup>praticamente uma só língua</sup> ~~inglês~~! <sup>até</sup> ~~Pode~~ ~~parecer~~ ~~chauvinismo~~ ~~falar~~ ~~em~~ ~~termos~~ ~~críticos~~ ~~dessa~~ ~~obediência~~ ~~cega~~ ~~à~~ ~~necessidade~~ ~~de~~ ~~falar~~ ~~uma~~ ~~língua~~. <sup>praticamos</sup> ~~Mas~~, ~~na~~ ~~medida~~ ~~em~~ ~~que~~ ~~eu~~ ~~aceito~~ ~~apenas~~ ~~apenas~~ ~~uma~~ ~~língua~~, <sup>reduzimos a</sup> ~~eu~~ ~~estou~~ ~~reduzindo~~ ~~a~~ ~~possibilidade~~ ~~de~~ ~~informação~~ ~~de~~ ~~cidadãos~~, ~~e~~ ~~a~~ ~~possibilidade~~ ~~de~~ ~~presença~~ ~~no~~ ~~país~~.

Um país como o Brasil, <sup>ou</sup> ~~como~~ ~~qualquer~~ ~~outro~~ ~~país~~, <sup>conhece</sup> ~~deve~~ ~~falar~~ ~~muitas~~ ~~línguas~~. Além do mais, a juventude tem de ser exposta a diferentes formas culturais. <sup>O argumento é</sup> ~~Eu~~ ~~já~~ ~~ouvi~~, <sup>de</sup> ~~por~~ ~~exemplo~~, ~~de~~ ~~autoridades~~ ~~de~~ ~~universidades~~ ~~públicas~~ ~~a~~ ~~idéia~~ ~~de~~ ~~que~~ ~~vão~~ ~~suprimir~~ ~~o~~ ~~ensino~~ ~~de~~ ~~línguas~~ ~~que~~ ~~não~~ ~~são~~ ~~rentáveis~~. <sup>a língua mais eficaz para os negócios. Mas falta uma</sup> ~~O~~ ~~rentável~~, ~~numa~~ ~~universidade~~ ~~pública~~, ~~seria~~ ~~medido~~ ~~pelo~~ ~~número~~ ~~de~~ ~~estudantes~~ ~~presentes~~, ~~freqüentando~~. <sup>que seria um</sup> ~~Ora~~, ~~é~~ ~~uma~~ ~~forma~~ ~~de~~ ~~visão~~ ~~universal~~. ~~Imaginem~~ ~~que~~ ~~país~~ ~~destinado~~ ~~dáqui~~ ~~a~~ ~~todos~~ ~~sejam~~ ~~conduzidos~~ ~~a~~, ~~aqui~~, <sup>a</sup> ~~uma~~ ~~geração~~ ~~(falar~~ ~~apenas~~ ~~uma~~ ~~língua~~, ~~seja~~ ~~ela~~ ~~o~~ ~~inglês~~ ~~ou~~ ~~outra~~! ~~O~~ ~~dano~~ ~~que~~ ~~isto~~ ~~causa~~ ~~na~~ ~~produção~~ ~~do~~ ~~homem~~ ~~é~~ ~~indizível~~!

Então, <sup>está</sup> ~~Nesta~~ ~~mesma~~ ~~linha~~, ~~há~~ ~~a~~ ~~supressão~~ ~~de~~ ~~disciplinas~~ ~~ditas~~ ~~não~~ ~~úteis~~. <sup>como se</sup> ~~Portanto~~, ~~o~~ ~~conhecimento~~ ~~do~~ ~~Homem~~ ~~é~~ ~~medido~~ ~~pela~~ ~~lei~~ ~~da~~ ~~antigüidade~~, <sup>utilidade, levando</sup> ~~o~~ ~~que~~ ~~em~~ ~~si~~ ~~mesmo~~ ~~é~~ ~~um~~ ~~contra-senso~~, ~~é~~ ~~um~~ ~~absurdo~~, ~~em~~ ~~termos~~, ~~e~~ ~~que~~ ~~levará~~ ~~o~~ ~~ensino~~ ~~a~~ ~~ser~~ ~~utilitário~~, <sup>uma busca</sup> ~~unicamente~~ ~~de~~ ~~instrução~~ ~~sem~~ ~~a~~ ~~preocupação~~ ~~de~~ ~~educar~~.

*No mesmo caminho pode ir a anunciada*

utilitário. E a reforma do ensino técnico, que agora está andando aí e em que os estudantes <sup>estão</sup> ameaçados de ser confinados <sup>com o preguiçoso da</sup> serão <sup>serão</sup> confinados ao ensino puro e simples das técnicas, que é uma <sup>evidente</sup> formação <sup>redução</sup> da cidadania... O ensino da técnica <sup>apenas</sup> como forma de fazer <sup>apenas</sup> é um convite à ausência de crítica do que existe. E a primeira condição para a produção do futuro é a crítica. Criticar é colocar-se diante do que existe a partir <sup>de um</sup> de nível mais alto de abrangência, e, por conseguinte, com uma visão mais totalizante das coisas e que permite enxergar diferentes caminhos e não um só.

Ao contrário - e eu chego à última parte de minha conversa, que é sobre técnica e <sup>instrução e educação</sup> ~~o~~ <sup>é</sup> ~~que~~ <sup>é</sup> ~~desejável~~ é a produção não de indivíduos fracos, <sup>porque cegos diante do mundo,</sup> ~~debeis,~~ <sup>(como estamos</sup> formando... Ou já <sup>temos</sup> formados! <sup>Semão</sup> A prova <sup>é</sup> que o Brasil se transformou <sup>em</sup> neste país fácil. <sup>em, cada vez mais, num</sup> Um país fácil é aquele que <sup>tem</sup> resistência, <sup>que</sup> aceita tudo... <sup>Bom</sup> A globalização <sup>é</sup> não <sup>temos</sup> nós que decidimos adotar, <sup>foi</sup> ela que entrou como quis. <sup>Quer</sup> dizer, <sup>é</sup> um país fácil! <sup>É</sup> ~~o~~ <sup>homem</sup> indivíduo forte é aquele que resiste. <sup>Resiste</sup> <sup>(como Homem</sup> e eu <sup>insisto</sup> nesta palavra, <sup>o</sup>

<sup>homens básicos</sup> <sup>atual não fomos</sup> Homem que precisa, urgentemente, voltar à moda. O indivíduo forte é aquele que, diante da iniquidade, <sup>se</sup> <sup>do erro, ou do vazio</sup> levanta. Ele pode levantar-se silencioso. Não é necessário <sup>grituar</sup> gritar, <sup>não</sup> <sup>é</sup> necessário <sup>ou</sup> jogar pedras. O <sup>necessário</sup> necessário é ter consciência do que cada um é. O indivíduo forte é aquele que, diante do futuro, é capaz de escolher por si mesmo. Ele elabora a sua visão do mundo, a sua visão de seu próprio país, a sua visão do seu lugar, a sua visão da sociedade, a sua visão dele próprio como ser atuante. É esta a fortaleza do Homem, <sup>esta</sup> <sup>é</sup> <sup>que</sup> <sup>é</sup> a base da cidadania! <sup>A</sup> cidadania <sup>apenas</sup> se dá quando há uma lei, <sup>uma</sup> ~~na~~ Constituição, que assegure <sup>aqueles</sup> estes direitos que <sup>tradicionalmente</sup> se chamavam "direitos naturais". <sup>a integridade do homem</sup> (Naturais porque <sup>não</sup> se concebia <sup>o</sup> ~~o~~ <sup>Homem</sup> ~~sem~~ sem o exercício desses direitos) <sup>que</sup> <sup>não</sup> <sup>precisavam</sup> figurar <sup>estatuídos</sup> em leis. <sup>Tampoco</sup> <sup>serve</sup> <sup>criar</sup> <sup>uma</sup> <sup>cidadania</sup> <sup>formal,</sup> <sup>e</sup> <sup>não</sup> <sup>me</sup> <sup>refiro</sup> <sup>ao</sup> <sup>Brasil.</sup>

<sup>fortes</sup> O Brasil não tem cidadãos. Eu me refiro a um país onde haja cidadãos. Não basta criar cidadãos formais, se não formos indivíduos fortes. Quantas vezes ouvimos, durante uma greve: "Ah, esta greve é política!" <sup>mas a greve, pela sua própria natureza,</sup> Ora, <sup>pelo amor de Deus,</sup> a greve <sup>existe</sup> para ser política! <sup>isto é,</sup> para <sup>alterar</sup> <sup>relações</sup> <sup>sociais,</sup> <sup>relações</sup> <sup>de</sup> <sup>emprego.</sup> E Toda greve tem de ser política mesmo! <sup>Quer</sup> dizer, <sup>é</sup> a nossa má formação para o exercício da vida coletiva que nos leva a repetir <sup>essas</sup> frases que não têm sentido e <sup>que</sup> <sup>diminuem</sup> a nossa cidadania, <sup>pois</sup> porque afetam a nossa individualidade como indivíduos fortes. <sup>até mesmo peduzem</sup>

~~Pois~~ a cidadania me parece, certamente, algo central na produção de uma nação. E isto faz com que se oponham figuras como o cidadão e o consumidor, o cidadão e o usuário, o que discute e o que <sup>Quando o consumo é exaltado,</sup> obedientemente executa. Ser um bom consumidor significa

é tão festejado,  
 tudo. ~~É~~ por isso que o Código do Consumidor tem tanto peso. <sup>decidiu elaborar</sup> O País ~~aceitou fazer~~ um Código do Consumidor, <sup>as</sup> as pessoas ficam muito contentes em chamar às falas aquele que fere o Código do Consumidor. E com isso, <sup>frequentemente</sup> se esquecem do cidadão! Porque o consumo acaba <sup>por ser</sup> sendo o grande emoliente. O consumo, como todos sabem, é o grande fundamentalismo deste fim de século, <sup>levando</sup> e que conduz exatamente à redução da vontade de ser um indivíduo forte e, por conseguinte, um cidadão eficaz. ~~E é por isso também que a primeira coisa que foi feita nesta~~ Nossa democracia de mercado foi o golpe <sup>exalta o</sup> do consumismo, em vez de ampliar a cidadania, que continua estancada.

Por outro lado, a idéia de usuário é muito pouco em relação à produção da cidadania. E é tudo isso junto, esse amálgama, ~~que~~ conduz a que ~~mas~~ cada vez mais nos defrontemos com executores obedientes, que ~~reclamam~~, em função de seu interesse próprio, mesquinho, pequeno, limitado, mas calam frente ao debate mais geral. Nas filas dos bancos, quem, ofendido, jamais recebeu apoio? ~~É isto!~~ Não são cidadãos, são usuários, são consumidores do banco, contentes de serem atendidos nas filas... <sup>Tanto melhor</sup> Nós aceitamos que o Banco Itaú, por exemplo, nos dê cheques "cinco estrelas"! ~~O que é um absurdo!~~ Por que é que eu sou "cinco estrelas" e o outro não? Quer dizer, é uma nação sem cidadãos, que aceita. <sup>classe média,</sup> E nós aceitamos... <sup>e isso também se deve</sup> Há uma conformidade da sociedade em função da ~~a~~ distorção do processo de educação.

Fala-se também no cidadão do mundo, que seria o desejável... Fala-se muito nisto. E a gente vê as manifestações, publicizadas amplamente, de defesa dessa cidadania <sup>planetária,</sup> ampla, ~~mas que são~~ baseadas, essas idéias, sobretudo, num moralismo internacional que não se exerce quando não há publicização. O homem ofendido, <sup>apenas</sup> ele só tem a sua ofensa reconhecida como tal quando ela é publicizada. <sup>sotridas no cotidiano,</sup> A maioria das ofensas ~~não obtém~~ nenhuma qualidade de protesto, <sup>nenhum trace</sup> nem de ação dessas instituições internacionais <sup>cua e sucesso</sup> que têm vida também, <sup>também dependem</sup> em função da publicidade que alcançam para suas ações.

A questão que <sup>desesperadamente</sup> se coloca é a da produção de uma nova moral. Estamos diante dessa necessidade da produção de uma nova moral, como fez o Governo da França. Alarmado com a expansão, do egoísmo dentro da sociedade francesa, do chauvinismo, da declaração pública de um desprezo em relação a cidadãos de outras culturas, de outras raças, de outras nações, o Governo francês <sup>adotar como</sup> decidiu que a sua primeira preocupação, <sup>essencial a</sup> transformada já em ato, <sup>entre direid, na instrução</sup> é que a educação pública, e todas as formas de educação têm de voltar a ensinar uma espécie de moral e cívica, não aquela com que nós nos aborrecemos, mas o ensino de uma

nova moral, de novas formas de convivência entre os homens, que sejam sadias e que abram espaço para essa futura moralidade internacional. <sup>Nas esta somente</sup> Que só terá eficácia a partir dos Estados. Nenhuma instituição internacional tem força para impor essa moralidade

internacional, <sup>que não seja adotada</sup> A moralidade internacional será imposta a partir dos Estados!

~~Apesar do discurso atual que nos faz crer na necessidade~~  
 Discuto isso num artigo que me foi solicitado pelo "Correio Braziliense", no qual ~~de "menos Estado" isto é, de um Estado menor, mais atuante, a verdade é que~~  
~~digro que a idéia de Estado nunca foi tão forte. O Estado nunca foi tão forte, o Estado~~  
~~brasileiro nunca foi tão forte. Apesar do discurso de menos Estado (?), apenas ele tem~~

suporte na produção de novas condições de vida social.

Tudo isso nos <sup>podrá</sup> levará a <sup>uma</sup> nova moral, <sup>com a</sup> crítica das novas formas de individualismo, geradas por essa <sup>praticamente vitoriosa</sup> idéia (de competitividade. <sup>Esta</sup> Porque a idéia de

competitividade não se restringe às grandes empresas que brigam pelo mercado. Ela <sup>(se instala no âmago de)</sup> escorre sociedade abaixo e chega a cada um de nós, em nossa vida cotidiana. Nos

<sup>desde que isso redunde em</sup> Aceitamos tranqüilamente empurrar o outro, no emprego, na promoção, <sup>benefício individual!</sup> esconder os conhecimentos. E nós, nas universidades, sabemos que isto é muito comum e tornado

ordinário, e o ordinário é que é a base da promoção. Mas não é não! ..... O que é central, mesmo, é saber como empurrar os demais, empurrando-se a si mesmos!

Pois bem, acho que tudo isso faz parte do processo da Educação, como também é a volta à idéia de solidariedade. O que se vê, <sup>hoje frequentemente,</sup> num país como o Brasil, por exemplo, é um convite cotidiano à falta de solidariedade. Por exemplo, a questão da Previdência Social é

tratada como se os velhos devessem cuidar de si mesmos. O senhor passou de tal idade?

Então, eide-se! <sup>isso houvene deixado de ser</sup> Como se não fosse um dever da Nação como um todo! E os partidos, <sup>mesmo nos</sup> inclusive os de esquerda, <sup>partidos de esquerda a discussão é raramente feita</sup> não discutem a questão de um ponto de vista moral, ético; <sup>são os aspectos contábeis que predominam.</sup> discutem-na de um ponto de vista contábil! A mesma coisa ocorre com a função pública.

<sup>Nenhuma grande</sup> Qual é a nação que existe sem uma grande função pública? Grande, <sup>e</sup> no sentido de

numerosa, <sup>(também)</sup> A função pública é o esqueleto da vida social, <sup>pois é di</sup> e onde desembocam os <sup>fundamentais</sup> reclamos da sociedade. Não há grande nação sem uma grande função pública. A França, os

Estados Unidos, são países onde a função pública é <sup>muitas</sup> cinco vezes mais numerosa do que no Brasil. Então, o papel na produção do *ethos* social está se desmanchando em um país como o nosso.

Enfim, trata-se, na produção da educação, de evitar uma informação parcializada, instrumental, pragmática, e de tentar uma organização da informação <sup>que busque</sup> uma finalidade, <sup>efica.</sup> Cada gesto, <sup>em cada palavra</sup> dentro de uma <sup>casa</sup> cátedra de ensino, têm de ser precedido de uma

indagação da sua finalidade. Cada palavra, numa sala de aula, tem de ser precedida de uma ~~indagação da finalidade~~. Não é a informação em si que é importante, mas a organização da informação face a uma finalidade. É preciso esquecer esse elogio <sup>isolado e abstrato</sup> (das coisas, ainda que

<sup>pareçam</sup> inteligentes, e buscar a inteligência das coisas mediante a solidariedade. Minha idéia de solidariedade ~~não significa reunir o geógrafo com o sociólogo ou com o antropólogo... eu torno de uma mesa e proclamar, assim, a interdisciplinaridade. Então, reúnem-se essas pessoas e...~~ Não, a idéia da solidariedade supõe uma filosofia. ~~É~~ <sup>isso não basta, porque</sup> ~~por isso que~~ a idéia da solidariedade não se faz a partir das disciplinas. Não é <sup>simplesmente,</sup> a partir da

História, da Geografia, da Sociologia, da Antropologia... ~~Mas ela se faz a partir das~~ <sup>isto é,</sup> ~~metadisciplina,~~ da metageografia, da metahistória, da metassociologia, da metaantropologia... ~~Quer dizer, em um plano superior, que permite encontrarem-se~~ <sup>que se obtém um trabalho comum em torno de um objeto, trata-se de alcançar</sup> filosofando.

~~Porque, se eu encontro com o outro colado com as coisas, eu não estou fazendo solidariedade, eu estou enganando todo o mundo. Há alguns que se enganam a si próprios. Desgraçadamente, são a maioria. Aliás, felizmente, porque significa que a sua incapacidade para fazer seu trabalho não é obrigatoriamente desejada; é apenas uma~~ <sup>ao seu modo, quanto tal se dá</sup> contingência <sup>em fatos</sup> e uma volta à noção à idéia de totalidade. O mundo ~~como uma coisa múltipla e única, o território de cada país como uma totalidade enorme, um território usado... É a própria idéia de comunidade como idéia de totalidade.~~

O que nos conduz diretamente à noção de História. ~~Essa noção de História está nos faltando. Quer dizer,~~ <sup>isto é,</sup> ~~A História não é o calendário, não é a conexão aos alunos de uma~~ <sup>que, justamente,</sup> feira de fatos e detalhes, seguindo uma cronologia. História é outra coisa! História é ~~busca de um sentido. Esse sentido, às vezes, a gente reconhece depois, a posteriori, mas é preciso buscar. E a gente só pode buscar esse sentido penetrando nos arcanos profundos da~~ <sup>sempre,</sup> História.

~~E é~~ <sup>também</sup> por aí que ~~nós~~ <sup>nos</sup> valorizamos o cotidiano. ~~O cotidiano~~ <sup>Hoje,</sup> ~~aparece como algo subordinado à técnica, hoje. Daí todos os nossos enganos, os nossos equívocos, todo o mal que nós perpetramos frente a nossos alunos. Enquanto que o cotidiano pode aparecer como uma fábrica do futuro, se eu encontro nele, a partir da técnica, sempre, porque as técnicas podem ser usadas das mais diversas maneiras.... É um equívoco pensar que só há uma maneira de usar a técnica,~~ <sup>brevementemente nos</sup> ~~O discurso único atual~~ <sup>nos</sup> ~~faz crer, que só há uma forma de usar a~~ <sup>como</sup> técnica. Daí essas idéias de competitividade, de produtividade, de obediência à forma atual

de globalização, ~~que por sorte está se desmanchando... Todo o mundo sabe que a~~ <sup>esta, aliás, está em crise. Mas esta visão mais</sup> ~~globalização está em seus últimos suspiros, para ceder lugar a outra coisa no mundo. Mas~~ <sup>dinâmica e otimista da evolução histórica do Planeta</sup> ~~apenas pode ser obtida a partir de~~

tudo isso só se obterá a partir de uma visão globalizante, esperançosa, do mundo, que ~~para~~ <sup>recuse</sup>  
 a não de uma subserviência às coisas, sejam estas as técnicas mais maravilhosas, ~~mas da~~ <sup>como hoje estamos vendo</sup>  
 e ~~retomado~~ <sup>encontre o</sup> caminho que sempre foi ~~o da~~ <sup>busca pela</sup> Humanidade, da prevalência ~~das idéias~~ <sup>da integridade</sup> na

o Homem na construção do chamado bem comum.

Muito obrigado.

**PROF. EDSON FRANCO** - Ouvindo o Prof. Milton Santos, fica-se encantado com ele. Eu posso garantir a vocês que, embora ele só tenha trazido um esquema, nós gravamos sua palestra, para felicidade nossa, e lhe solicitaremos, depois, que a revise, para possibilitar sua publicação.

A palavra está franqueada, a fim de que possam fazer suas indagações. E eu registro, para alegria nossa, a presença de tantos professores da UnB, que aqui vieram assistir à palestra do Prof. Milton Santos.

Com a palavra o Prof. Wilson Rodrigues.

**PROF. WILSON RODRIGUES** - O que realmente sempre nos encanta, no Prof. Milton Santos, é que ele coloca, em termos da tecnologia, a discussão da educação. Mas neste momento, Professor, nós vamos aproveitar a própria experiência deste auditório aqui para verificar que a sua afirmação de que o homem não é veloz não condiz com a verdade. Ontem, eu estava ouvindo o Prof. Edson Franco contar o que ele fez neste mês. E fui até falar mal de alguém para verificar o que ele sabia a respeito... E ele sabia de tudo. E perguntado sobre o suas atividades, constatamos que o roteiro do Prof. Edson Franco é superveloz. Eu não consigo acompanhar esta velocidade. E se nós verificarmos aqui, neste auditório, que vem a Brasília, que vai a São Paulo, que vai a Belo Horizonte, que vai a Macapá... Agora mesmo, estive em Macapá, no antigo Território..... nós vamos verificar ..... e por aí afora. Enfim, se eu for citar cada um.... Porque, em educação, nós temos de trabalhar velozmente. Se nós ficarmos parados... Eu vou ao Tijuca Tênis Clube e fico impressionado, quando vejo duzentos ou trezentos senhores lá, sentados, tomando cerveja, jogando baralho... Estes pararam. Mas, se nós nos dispomos a trabalhar, se nós nos dispomos a querer que a educação melhore..... Agora mesmo estamos numa luta com relação à eliminação do papel ..... e estamos verificando que realmente há uma mudança, quando se trata da idéia de que o aluno ..... documentos..... e leva esses

documentos para casa ..... Agora mesmo, o Registro de Títulos e Documentos, que deveria ajudar com uma via do documento que ele registra, acabou...

Então, acho que a tecnologia está avançando muito, mas, graças a Deus, nós estamos acompanhando. Por quê? Porque .....dos meus filhos..... Hoje a minha filha de quatro anos já vai para o computador e me diz "sai daí, papai, você não entende nada disso". E ela é que vai brincar porque eu realmente não sei brincar com aqueles jogos com que ela brinca.

De forma que a tecnologia está aí, diante de nós, graças a Deus, do Homem, representado pelas minhas duas filhas.... A minha filha mais velha, de 14 anos, escreveu um romance no computador. Ela não usou papel. O livro sai em papel porque ainda não deu para ser produzido um material que o substitua.....

Esta era a observação que eu queria fazer com relação à velocidade.

Muito obrigado.

**PROF. MILTON SANTOS** - ~~Não sei se deu para perceber que, normalmente, o debate~~ ..... Mas eu não quero desapontá-los. *Mas a velocidade é apanágio de uns poucos, ainda que presente no imaginário da humanidade.*  
~~O senhor falou~~ ..... *E quantas pessoas, no Rio de Janeiro, ..... Nós poucos homens são rápidos e a maioria é formada de homens somos lentos...* quando, na realidade, a humanidade é formada de 6 bilhões de pessoas lentas.  
..... nas companhias aéreas. Eu fico contente com o fato de o presidente da Associação viajar muito. É o que eu faço também. Mas eu <sup>o/</sup> ~~faço~~ <sup>em geral</sup> porque não pago as minhas viagens. *É uma e/* Mas essa <sup>mas que valer dos</sup> sorte <sup>numa sociedade democrática?</sup> é um privilégio. E eu não quero privilégios. Em todo caso, não podemos ensinar a nossos estudantes a produção de um mundo de privilégios. ~~Creio que era esta a tônica que eu queria trazer. O que eu desejo muito, portanto, é que nós possamos continuar essa convivência, aprendendo com a nossa amizade. Quer dizer, estou perto de seu objeto, mas eu o coloquei num sentido menos próximo...~~

Então, o que eu desejo do mundo é que nós possamos continuar .....

**PROF. VALDIR LANZA** - Em primeiro lugar, eu gostaria de enfatizar a maneira com que o Prof. Milton Santos coloca em discussão os temas sociais, expressando-se de uma forma muito feliz. E eu gostaria de saber do senhor sobre a questão da globalização, que nós temos acompanhado pelos jornais sempre de uma forma muito aflitiva, dada a

maneira como é colocada a questão de como o país se envolveu na globalização, e o resultado está aí, a partir da crise do países sudeste asiático.

E em determinado momento de sua palestra, o senhor referiu que o nosso País acabou sendo empurrado, não escolheu esse caminho, não houve uma opção pela globalização. Agora eu vinha no avião e vi uma matéria que destacava o início da Internet no período de 1968 para 1969, a partir de empresas americanas que interligaram, naquela época, seus quatro supercomputadores. Prof. Milton, não seria a ordem natural das coisas, quase trinta anos depois desse processo de interligação do mundo, que o mundo inteiro se interligasse? Isto não seria uma coisa boa? Não ajudaria a eliminar as diferenças entre Norte e Sul, entre Leste e Oeste, entre ricos e pobres? A questão da globalização não é um fato positivo, ou, nessa sua visão sempre alegre de analisar a questão social no mundo, existiria uma outra alternativa para que o mundo fosse mais homogêneo - até no que se refere à língua, como o senhor mencionou? Quer dizer, não é uma coisa boa - até porque o inglês é uma língua que já estaria implantada nos cinco continentes pelo império britânico - que exista uma língua só, uma etnia mais unificada, com os povos falando o mesmo idioma, com as economias mais parecidas?

**PROF. MILTON SANTOS** - Eu agradeço a intervenção, porque me leva a conversar sobre o meu próximo livro. Falar sobre o que já se fez não causa muito interesse, não é? Então, o que o senhor está me propondo é conversar um pouco sobre o meu próximo livro.

A língua é uma manifestação não apenas da vida prática. A língua não é apenas o trabalho. A língua é emoção, <sup>e com o mundo,</sup> a língua é a maneira como eu me comunico com o meu próximo. ~~E quem, traduzindo,~~ <sup>alcança</sup> expressar-se em completa emoção? ~~A menos que eu considere emoção algo obscuro, uma coisa feia.~~

~~Seu discurso se inclui no discurso atual. Então, ..... vem ampliar. É algo~~ <sup>mas,</sup> ~~contra que eu me insurjo.~~ <sup>nem</sup> Não há coisas estáveis, não há realidades eternas, não há ~~realidades~~ <sup>de imutáveis</sup> imutáveis. O que ~~eu quero~~ <sup>eu quero</sup> é mudar em benefício do maior número. ~~Para isto é eu quero que nós nos comuniquemos em nosso lugar.~~ A comunicação com o mundo faz parte do meu negócio, da minha carreira, mas não da felicidade do maior número, que é consequência de que os homens próximos se comuniquem, <sup>nos lugares onde</sup> ~~viem.~~

É isto que eu proponho, em primeiro lugar. Não é a Internet. E nós não nos comunicamos, exceto pela emoção. Daí a minha idéia de que os pobres são <sup>avantajados</sup> superiores a todos os demais, na sociedade, porque eles se comunicam com emoção. O que nós não podemos fazer, porque somos comandados de modo demasiado pelo pragmatismo, pelo <sup>burea</sup> resultados. Então, nós nos inferiorizamos ~~na~~ nossa relação interpessoal. Nós ~~somos inferiores por isso~~. E a superioridade fica com as populações mais pobres, que se comunicam através da emoção.

Eu tive a sorte de trabalhar em diversos países, em diversas culturas, e descobri - saindo, por exemplo, da cultura francesa, para me instalar na cultura americana, alguns anos atrás - que isso me permitia aprimorar <sup>com uma espidade</sup> conceitos, a capacidade de passar de uma para outra - eu que vinha da terra brasileira. Os conceitos se aprimoravam. Mas a ausência de cidadania é algo que eu <sup>vinha</sup> venho sentindo cada vez mais durante a minha longa ausência deste País. O meu retorno à cidadania <sup>foi</sup> é o retorno a buscar saber falar com os meus compatriotas. Tanto que o meu discurso, aqui, é diferente do que terei de fazer, daqui a duas semanas, nos Estados Unidos, aonde irei novamente para ensinar. Meu discurso, lá, será um discurso geral, explicativo de coisas gerais, <sup>E</sup> <sup>que até receba aplausos</sup> Possivelmente, ~~receberei palmas~~. Os <sup>mais frios</sup> auditórios <sup>também e</sup> (são, geralmente, educados, polidos. Eles ~~me aplaudirão~~, por um rasgo emocional. Para depois comentar, num almoço ou num jantar: "Ah, mas aquele sujeito é realmente um nativo...\*", um emotivo ... "

Mas eu sou um nativo porque eu <sup>creio</sup> que o futuro da humanidade está na diversidade. A comunidade se estabelecerá a partir da diversidade, cada um querendo <sup>um</sup> mundo <sup>mas a seu modo</sup>. Eu quero ser <sup>sul</sup> americano e não francês, eu quero ser brasileiro, falando a língua brasileira, sentindo como brasileiro, escrevendo como brasileiro e, daqui a pouco, publicando como brasileiro. O que não fazemos! A nossa Universidade <sup>de certo modo</sup> recusa a cultura brasileira. Os textos são cópia, do ponto de vista formal, da cultura francesa, primeiro, da cultura americana, hoje. ~~O que é um absurdo! Esse abuso de citações, desnecessárias e que são um tributo político. A citação é um tributo cada vez maior à política e não ao saber.~~

Então, a minha idéia de diversidade está subordinada à minha idéia de mundo. e a minha idéia de mundo é subordinada à existência, dentro dele, de comunidades falando a sua língua, mantendo a sua cultura, respeitando o seu território e exprimindo as suas emoções com força. Eu creio que é por aí que a gente vai mudar o mundo. Obrigado.

**(Palmas)**

**PROF. CLERTON - (Início fora do microfone - Inaudível)** (...) mas ele estava usando uma calça jeans um pouco parecida com a minha, um pouco mais suja, a camisa estava um pouco rasgada no ombro, ele usava um tênis sem cadarço e tentava entrar no *shopping*. Na hora, os seguranças do *shopping*, com seus aparelhos de comunicação, disseram-lhe que ele não podia entrar. E ele perguntou por quê. Responderam-lhe "porque este não é o seu lugar". Eu ia passando e ouvi a resposta do segurança, que já passava a mensagem, considerando-a um "problema" e dizendo logo: "Se tentar entrar, nós chamamos outros e você não entra".

..... foi o espaço do cidadão..... achei que era minha obrigação parar e intervir nisso. Por que aquele cidadão brasileiro não poderia entrar num espaço que era público? Mas o movimento, a minha presença nessa sociedade me obrigava a correr. Naquele momento eu daria aula numa escola pública e eu tinha que correr para pegar o ônibus e sair.

Mais recentemente, alguns jovens, aqui em Brasília, saíram para brincar e, nessa brincadeira, queimaram um ser humano.

Qual é a discussão que vamos fazer em relação a isso? A velocidade que o mundo de hoje nos traz leva exatamente a isto, ou seja, deixar que se veja as pessoas..... E aí cabe outra pergunta. Recentemente fui eleito diretor de uma escola pública, devo assumir a partir do ano que vem, e nos debates que fiz com a comunidade, isto é, com pais, alunos e professores, se tem uma grande cobrança. A escola já teve, no passado, uma grande resposta em termos de aprovação no vestibular. Hoje ela já perdeu um pouco isso, mas a escola é reconhecida, inclusive pelos próprios pais, porque trabalha muito a questão do Homem, da formação do Homem. Então, na escola a gente tem um convívio muito grande com os alunos, no que se refere ao respeito ao outro. Eu, numa proposta de construção de um projeto de política pedagógica para o ano que vem, teria que atender aos pais que pedem que seus filhos sejam preparados para entrar numa universidade pública de qualidade, para o que se continua, no vestibular, colocando uma barreira puramente técnica em termos de cobrança? E aí os cursinhos proliferam e vêm campanhas do tipo "Pare, Escola, Escolha", o que eu acho que é uma faca de dois gumes... A campanha da escola particular, hoje, é esta: "Pare, Escola, Escolha". Eu devo fazer isto, ou eu devo pensar mais em propor uma estratégia, na escola, em que se trabalhe, na realidade, pensando num

plano maior, considerando a questão da totalidade, o Homem mais pleno, um cidadão melhor, com um convívio melhor com a sociedade?

**PROF. MILTON SANTOS** - Eu acho que é por aí. É difícil, hoje... Tudo conduz à busca do ter, dos objetos, <sup>considerando</sup> as pessoas como objetos. Mas isto não quer dizer que <sup>devamos</sup> nós ~~renunciemos~~ <sup>renunciar</sup> <sup>à</sup> essa idéia de que somos educadores. Nós não somos apenas instrutores. Isso inclui também o nosso rigor, ou seja, a nossa severidade frente a nossos alunos, ~~inclui~~ <sup>inclui a</sup> ~~nossa~~ <sup>a</sup> coragem de não ser o "camaradinho" de nossos estudantes. Acho que tudo isso está incluído.

Agradeço muito a sua intervenção no nosso debate. E a sua também. (Dirige-se ao interpelante anterior.)

**PROF. JOSÉ PIRES** - Professor Milton, suas palestras sempre me deixam muito carregado de uma profunda emoção e até de um certo entusiasmo. Mas, talvez, pessoalmente, eu esteja vivendo como que um momento de profunda decepção em relação à nossa civilização. Eu me pergunto, às vezes, em função de tantas questões relacionadas com a técnica e da complexidade de nossa sociedade: civilização para quê? E confesso que talvez eu não tenha maturidade, ainda, em termos de conhecimento, para responder a esta questão. E estou em busca de uma resposta. Então, fico muito emocionado ao ouvir suas palavras.

Eu creio que para a minha pergunta eu já tenha ouvido as respostas. Mas vou insistir.

Nossa Faculdade tem 72 anos de existência e é dirigida ao ensino das artes. E nós vivemos, no nosso cotidiano, uma discussão permanente quanto a esse aparente desencontro entre o ensino das artes e a tecnologia. Eu gostaria de ter sua visão em relação a essa aparente dicotomia ou coisas do gênero.

**PROF. MILTON SANTOS** - Eu agradeço a intervenção e a recebo como um estímulo.

Há uma profunda decepção quanto à nossa civilização. Acho que há uma certa injustiça. A nossa decepção é em relação aos porta-vozes da civilização. Eu costumo analisar a História, desde que a era das máquinas se instalou, separando o processo de

produção das coisas e o processo de produção da política. A História a gente analisa em função destes dois pólos: o pólo da materialidade e o pólo da política. A Enciclopédia, a Revolução Francesa, Napoleão, o Estado Moderno, que se desenvolve até chegar ao Estado Social, são um <sup>produto</sup> primeiro combinado de uma expansão da técnica e de uma realização comum do indivíduo e da sociedade - o indivíduo na sociedade e a sociedade a partir dos indivíduos. <sup>Dai, desse ponto de vista</sup> O ~~que deu~~ essa beleza que foram os trinta anos que se seguiram ao fim da Segunda Guerra Mundial. E agora esta tristeza a que o colega se refere como uma decepção. Porque o progresso da técnica foi <sup>agora,</sup> açambarcado por um grupo pequeno e cada vez menor de empresas.. Nunca houve tão poucas empresas no comando do mundo... Essas empresas tomaram o lugar dos governos. <sup>Vejamos o</sup> ~~no~~ caso do Brasil, <sup>onde, primeiro</sup> primeiro, <sup>e</sup> o Governo não governa - quem governa são as grandes empresas; segundo, os políticos não fazem política - a política é feita pelas grandes empresas. E é assim que nós chegamos a essa idéia de decepção. Mas, por que não pensar que <sup>a partir de outras formas de uso,</sup> a base técnica do mundo atual <sup>podê</sup> ~~se~~ permitir que a Humanidade realize seu sonho milenar, ~~de que essa glória será~~ uma convivência humana feliz?

Tudo está aí. Em <sup>apresentando</sup> primeiro lugar, ~~nunca~~ houve, na história do capitalismo, um momento em que as <sup>por si mesmas, desumanas</sup> técnicas fossem humanas. Elas são desumanizadas por aqueles que tomaram conta delas. Mas a máquina escravizava o homem. O computador, não! <sup>se, agora,</sup> Nós somos escravizados pelo computador <sup>isto se dá</sup> (mediante a globalização econômica). <sup>Mas, na realidade</sup> O computador é uma promessa de liberdade humana, porque ~~ele~~ funciona a partir de elementos que são produto da nossa criatividade individual. Por enquanto, não! Nós fazemos as mesmas coisas, por enquanto, <sup>praticamente impõem</sup> porque ~~nos~~ <sup>car coisas deixam de ser assim</sup> dão os softwares. Mas, quem disse que, amanhã, num mundo que não seja dominado pela velocidade e pela competitividade... A velocidade e a competitividade é que impedem o mundo de se realizar <sup>como</sup> ~~com~~ multiplicidade; a velocidade e a competitividade é que <sup>alimentam o poder de alguns centros</sup> impedem a proliferação de centros de poder ~~numerosos~~ e os jogam uns contra os outros ~~em benefício da Humanidade~~; a velocidade e a competitividade é que nos cegam para as diferentes possibilidades que a técnica boa oferece ao mundo.

Nunca houve, na história da Humanidade, <sup>a possibilidade de viver com</sup> ~~esta criação de~~ uma técnica redentora, como é a técnica da informação. Também nunca houve, na história da Humanidade, o fenômeno das massas emergentes, como hoje. Estamos todos misturados. Nunca houve tanta mistura! Essa mistura a gente encontra em Paris, em Nova Iorque, em Londres, no

*em São Paulo e no Rio*

Abidjan ou em Jacarta, ~~Essa~~ <sup>A</sup> humanidade ~~que~~ está se misturando... É a mistura de línguas, ~~e~~  
 a ~~mistura~~ <sup>gostos, sabores</sup> de cheiros, ~~é a mistura de gostos, é a mistura de idéias...~~... Esta é a riqueza do  
 mundo. É esta ~~riqueza do mundo, por enquanto~~ <sup>e de que</sup> ~~portada pelas pobres, que têm a liberdade~~ <sup>pelos artistas e</sup>  
~~de pensar - e nós não temos, já que a nossa vida é, em grande parte, comandada pelo~~ <sup>pragmatismo</sup>  
~~pragmatismo~~ <sup>exatamente</sup> a promessa de um novo mundo, a partir da nova técnica... E aí  
 vão ter um lugar central os pobres, os artistas, os intelectuais... Porque ~~a arte se realiza~~  
~~exatamente pela diversidade, pela insubordinação, pela desobediência a cânones~~  
~~estabelecidos. Isto é, como um casamento somente possível através de um certo ..... da~~  
~~sociedade, com o novo. A sociedade, em geral, se casa com o velho, que é a sua salvação,~~  
~~que é a sua salvaguarda, que é a sua âncora - essa repetitividade que é própria das classes~~  
~~médias e das classes dominantes, que repetem sempre a mesma coisa, para manter o seu~~  
~~conforto. O intelectual, não - se ele é intelectual! O artista, ao contrário... Quer dizer, o~~  
~~artista já estava usando a técnica a seu favor. No caso brasileiro, quando a música popular~~  
~~brasileira se levantava, eu não vivia no Brasil, mas chegavam a mim os ecos do debate que~~  
~~se instalava: "Ah, o perigo da pasteurização da música pela utilização das técnicas~~  
~~universais!" Foi tudo ao contrário! Primeiro, a música brasileira se afirmou~~  
~~esplendidamente dentro do Brasil, afirma-se fora do Brasil... Ela é pioneira no exercício da~~  
~~limpeza das idéias que interessam aos pobres, à população... Muito antes de os intelectuais~~  
~~se preocuparem com os pobres, os grandes compositores já se preocupavam...~~

*Na verdade,*

*Por isso,*

Quer dizer, ~~nós~~ <sup>se</sup> estamos já num mundo diferente. ~~Eu~~ <sup>aqui e ali</sup> não vejo com tanta apreensão  
 a marcha do mundo, porque a globalização está ~~quebrando-se, está~~ cedendo lugar, já, a um  
 novo período histórico em que o que vai ser central é o povo, ~~A~~ a população mais sofrida.  
 Nós já estamos vendo isto. ~~É que nós não fomos treinados para ver isto. O que nós fazemos~~  
~~nas universidades, geralmente, é fruto de escolha de temas. Que são repetitivos, porque~~  
~~essa repetição é que garante a nossa autonomia. É por isto que nós não descobrimos o que~~  
~~está se dando no caso do Brasil - este vuleão que é a sociedade brasileira. E nós apontamos~~  
~~esse vuleão como desordem apenas. É o despertar de uma nova ordem~~ <sup>que vai prevalecer</sup>  
~~daqui a pouco, se intelectuais como nós,~~ <sup>assim como os</sup> ~~artistas como nós,~~ <sup>de encontrar as formas</sup> formos capazes de exprimi-la.  
 Porque, ~~como nas idéias vale tudo,~~ <sup>os</sup> processos históricos se aceleram quando há idéias  
 portadoras produzidas de forma sistemática. Muito obrigado. (Palmas)